

## Entrevista com Janine Puget<sup>1</sup>

Em outubro de 2019, o Grupo de Estudos de Psicanálise de Casal e Família da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) realizou a IV Jornada: O Casal e a Família no Divã, cujo título foi *Famílias, vínculos e sexualidades*. O grupo pensou em incluir na Jornada a “presença” de Janine Puget por ter sido fundadora, com Isidoro Berenstein, da Psicanálise Vincular. Analista didata da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA), autora de vários livros e conhecida mundialmente por suas ideias criativas na abordagem de casal e família, aceitou pronta e entusiasmadamente o convite. Foi organizada, então, uma videoconferência na programação da Jornada. Antes desse evento, no entanto, alguns participantes do Grupo se propuseram a ir a Buenos Aires, para um encontro preliminar com Janine Puget, a fim de esclarecer nosso objetivo e gravar uma entrevista para a *Revista Berggasse 19* da SBPRP. Foram a Buenos Aires a coordenadora do Grupo de Estudos de Psicanálise de Casal e Família, Denise Léa Morateli, e três integrantes: Adriana Navarrete Bianchi, Maria Roseli Pompermayer Galvani e Marta Dominguez Sotelino. Esse pequeno grupo foi presenteado e privilegiado com a intimidade e aproveitamento da vitalidade de Janine Puget. Com uma disponibilidade invejável e uma generosidade ímpar, convidou-as a participar de um dia de sua rotina: pela manhã, juntaram-se a um grupo de supervisão dada por ela a analistas de Buenos Aires e, à tarde, desfrutaram de um chá, para conversarem sobre: o tema da Jornada, o início e alguns conceitos da Psicanálise Vincular, sua

---

<sup>1</sup> Entrevista traduzida por Adriana Navarrete Bianchi (psicóloga, psicanalista membro associado da SBPRP), Denise Léa Moratelli (psicóloga, psicanalista e membro associado da Sociedade Brasileira de Ribeirão Preto – SBPRP), Marta Dominguez Sotelino (médica e membro filiado da SBPRP) e Maria Roseli Pompermayer Galvani (psicóloga, psicanalista e membro associado da SBPRP).

aceitação e as contribuições que trazem à psicanálise na atualidade.

A emoção e a alegria de estar com Janine Puget não seria possível descrever, mas tentaremos passar aos leitores algo do que foi esse encontro vivo, amoroso e de muita aprendizagem.

**Janine:** Parece-me que vocês estão propondo um tema que é muito atual, porque a sexualidade, tal como a pensou Freud em 1900, não é a mesma que a sexualidade hoje em dia e, hoje em dia, os corpos teóricos de que dispomos... a eles lhes falta muito tempo, para que tenhamos hipóteses que nos permitam entender e abordar o tema do múltiplo, ou da variedade de formas que adota a sexualidade hoje em dia. Então, temos algumas hipóteses fortes do começo da psicanálise, que hoje... não é que deixaram de ser válidas, mas não ocupam o centro do problema ou não permitem explicar ou se aproximar de pacientes com esse tema, para abordá-lo de maneira eficaz. Nós nos encontramos, hoje, em plena crise do que eu chamo “o múltiplo”. Antes, tínhamos fórmulas binárias: o bom e o mal, a mulher e o homem, a família e o casal. Todas são situações binárias: o que é prevenção e o que não é... tudo isso estava bem, em seu momento. Mas já não é o que está acontecendo hoje. Assim sendo, hoje temos de incluir no que seriam as pulsões internas de cada mente num contexto mais amplo, que é a influência da cultura, a influência do mundo atual nos novos valores que fazem a sexualidade de hoje. Na maneira de usar a sexualidade para se vincular ou para outras coisas. Ainda não sabemos... Nós teríamos de aprender com as novas gerações, as muito jovens, como vão pensando o lugar que ocupa a sexualidade em seus vínculos. Não é o mesmo lugar romântico, do amor romântico do começo do século. Não pode sê-lo, porque quando Freud falou de tudo isto era 1900 e pouco e agora estamos vários anos depois... E houve, a partir da tecnologia, uma crise brutal de valores, de diferentes formas de se comunicar... daquilo que estava proibido antes e agora está

permitido... não apenas permitido, mas sim exibido!

**Adriana:** Exigido?

**Janine:** Exigido e exibido, as duas coisas.

**Adriana:** Sim.

**Janine:** Exigido para pertencer a certos grupos sociais... Se não fazemos, ficamos colocados em um não lugar, como fora, fora do grupo. Então, há um fazer autêntico e há alguns fazeres que são só para pertencer e não ficar de fora de algo que não se sabe o que é. Então, o que nós, psicanalistas, fazemos com isso, com essas novas formas? Como as escutamos? Como as escutamos e como intervimos? Porque ao mesmo tempo... as gerações – eu não falo de mim, mas também da geração de vocês – têm valores que não coincidem com o que são os valores atuais... coisa que é muito séria, porque nós temos de conviver com valores que não têm a ver com os nossos. Ou seja, que são heterogêneos, não se combinam adequadamente, não se combinam harmonicamente. É como se um deles destoasse. Então, é muito interessante, por exemplo, neste momento, proceder a uma prática que surja da observação; observação do que está acontecendo e que nós podemos ter acesso pela internet, pela televisão... Porque hoje... o que antes, na época de Freud, merecia ser reprimido, ou era vergonhoso, era a sexualidade. Hoje em dia, isso já não é vergonhoso. Isto é exibido, forma parte da vida diária, não há nenhum problema. Então, o que é que se reprime, que não se reprimia antes? O que antes funcionava como repressão, como organizador do mundo interno... Mas agora nós temos de descobrir que equivalência têm as relações humanas em relação com a sexualidade, em lugar da sexualidade, que, em seu momento, foi como um pilar de encontro, para os encontros entre as pessoas, começando pelo apaixonamento, as pulsões amorosas e tudo isso. Hoje, não necessariamente é esse o lugar que ocupa a sexualidade. É uma prática, mais ou menos comum, aceita...

**Adriana:** Indiferente...

**Janine:** Indiferente.

**Adriana:** Indiferente do objeto.

**Janine:** Exato.

**Adriana:** Não é dirigida a um objeto em si.

**Janine:** Não é dirigida a um objeto em si. Objetos! Que não necessariamente têm a ver com o amor...

**Denise:** Sim.

**Janine:** ...mas com que há de relacionar-se. Como “algo” para relacionar-se, mas não pelo amor, senão como uma prática a mais para relacionar-se. Hoje podemos dizer que tomamos o chá... bom... agora, vamos fazer um espetáculo de sexualidade, mas tem seus limites. Porque, por exemplo, aparentemente os casais que aceitam o *swinger*, em ter, digamos, uma sexualidade aberta, livre... aquele que faz de marido, ou aquele que faz de esposa... é perfeitamente aceito, porém tem seus limites. Porque, de repente, isso que supostamente não sentem, não vivem, quando se faz esse exercício, de repente, quando aparece algum afeto, algum sentimento, se estabelece uma situação muito difícil, por exemplo, de ciúmes, se um dos dois tem uma relação à parte, digamos, que não é visível para todos os componentes da relação. Dessa forma, por mais que se tente pensar que a sexualidade é uma mercadoria como qualquer outra... “coisa” que é usada para vincular-se, há algumas zonas da mente e nos vínculos por onde passa a sexualidade que têm relação com a intimidade do casal. Intimidade que tem duplo sentido, porque existe uma intimidade necessária, para que se constitua um vínculo, mas muitas vezes o que vemos, na clínica também, é que (alguns casais) não concebem que a intimidade seja um valor, até que o descobrem.

Então, aqui novamente temos de ver: Constrói-se intimidade? Se tem de construir! Porque ela é uma maneira de se proteger da multiplicidade de influências às quais estamos expostos. Estamos expostos, todos nós, a uma infinidade de influências inapreensíveis; influências que sofremos sem que percebamos. Caminhamos pela

rua, vemos uma pessoa dormindo na rua... seguimos andando como se não nos houvesse acontecido nada. Mas aconteceu! Se levamos uma bolsa ou dinheiro no bolso... lhe dá, não lhe dá? Enfim! Mas, depois, a gente segue como se não houvesse acontecido nada. Mas aconteceu! Então, nesse momento, penso que temos de levar em conta o como concebemos e como usamos a sexualidade em nossa vida diária, que já não depende daquilo que aprendemos no seio da família... e das identificações com o pai e a mãe, etc., mas sim, daquilo que nos ensina a cultura; do que nos modifica a cultura e nos impõe, como dando sentido e significado à sexualidade, a qual não coincide com aquela que aprendemos ou que vem do modelo da família, do modelo estrutural da família. Então... as pessoas, os sujeitos, estão com vários modelos na cabeça de como dar lugar a uma sexualidade que vincule, ou uma sexualidade que transforme o outro num objeto. Então, em um caso, uma relação entre duas ou mais pessoas pode ser aceitando que cada um é um sujeito desse vínculo e não um objeto; enquanto na sexualidade como se exerce em muitos âmbitos, se transforma o outro em objeto que não é da sexualidade, é uma descarga de algo que, além do mais, dá pertencimento, porque eu fiz tal coisa e por isso pertenço e posso me comunicar com outros que me perguntam: “Você experimentou?” “Sim, claro, eu também experimentei! Como eu não vou saber isso?” O mesmo acontece com a droga. Muitas vezes, se usa a droga para pertencer a um conjunto. Porque, se tem vontade ou não, eu não sei. Mas, como não se vai fazer? Hoje em dia, o grande problema é como pertencer aos conjuntos em que estamos e que não nos excluam e nos coloquem em um não lugar. Facilmente se perde o lugar. Pragmaticamente, por exemplo, se perde o lugar de trabalho. Esta é uma questão de hoje em dia: nos países neoliberais acontece isso. De repente, não há trabalho. De repente, não se pertence a um grupo porque não fez o que lhe caberia fazer nesse grupo, por exemplo, exercer um certo tipo de sexualidade. Teríamos de ver de que se trata, que seria: os corpos

em jogo; algum tipo de excitação; algum tipo... ou uma relação com um outro sujeito ou outra que se discrimina como importante. Não necessariamente baseada na diferença de sexo, mas no que nutre as relações entre as pessoas. Se quiserem, podem me interromper.

**Adriana:** Não, pode continuar.

**Marta:** Está ótimo!

**Janine:** Portanto, creio que, neste momento, a sexualidade está a serviço de pertencer a um conjunto, e não apenas a serviço daquilo que seria a pulsão. Então, há vários fatores em jogo que com a pulsão não se explicam; mas, sim, se explicam, se eles pertencerem a um vínculo, “ir pertencendo”, tendo práticas que permitam sentir que se está alojado num espaço que tem a ver com os vínculos.

**Adriana:** Então a sexualidade não seria mais uma emanção de uma pulsão, mas ela está sendo usada para um tipo de relação... ou seja, há uma distorção do uso da sexualidade?

**Janine:** Exatamente. Ou seja, isso é o que eu penso. E nesse caso o que...

**Adriana:** Porque, aí não se precisa... Desculpa...

**Janine:** Não, não...

**Adriana:** Não se precisa de uma intimidade onde se possa exercer a sexualidade?

**Janine:** Exato.

**Adriana:** Na verdade, se exerce a sexualidade e se encontra uma intimidade, no meio do caminho, assusta, perturba e surpreende. É isso?

**Janine:** Sim, sim.

**Adriana:** É interessante... não se começa pelas bases, se começa pelo fim, pelo meio, não tem uma linearidade.

**Janine:** Exato! Talvez se possa pensar que a soma da pulsão, tal como a aprendemos, dependendo do corpo teórico que tenhamos, todos falamos da pulsão e do desejo, a isso se tem de acrescentar o que eu chamo do “espaço entre dois”, ou seja, eu parto do pressuposto

de que “entre” dois ou mais sujeitos existe um “espaço entre dois” do qual nascem a força e a vitalidade do encontro, justamente porque essa diferença não se pode evitar. Não é diferença dos sexos, mas a diferença “entre” dois sujeitos quaisquer. É essa diferença que nos leva a criar vínculos, a estar aqui, por exemplo, neste momento, para fazer algo juntos. Qualquer que seja a coisa. Há uma força do “entre” dois que nos move a estar juntos e a nos escutar. Essa é a que, provavelmente hoje, move as pessoas para um lado ou para o outro, a estabelecer vínculos que podem ser amorosos ou a fazer práticas. Práticas que podem ser sexuais. Práticas de algum tipo que sustentem a relação, mas que não necessariamente seja uma criação a partir do “espaço entre dois”, mas sim tentar que fique menos perceptível o vínculo. Se fazemos tudo isso juntas, estamos juntas. Sim e não! Se apenas isso basta... fazemos isso, tomamos o chá juntas e já estamos juntas. Na realidade, é algo a mais. Então, aí aparece toda a complexidade. Como, desde esse “espaço entre dois”, pode nascer uma pulsão do amor. O amor à vida (não o amor ao outro necessariamente) que faça com que, em todo momento, dependendo do aspecto das pessoas que neste momento estão em atividade, se faça algo para estar com o outro, e respeitar esse “espaço entre dois”. Existem momentos em que intervém o corpo e há momentos em que intervêm outros aspectos que não têm a ver com a sexualidade.

**Martha:** Janine, como podemos pensar que se deu a transformação de uma psicanálise convencional freudiana que busca o trauma para uma Psicanálise Vincular que busca trabalhar o vínculo, o que se passa entre duas pessoas? Como se começou a trabalhar no vincular?

**Janine:** Sim, eu posso te contar isso de uma forma muito simples. Minha primeira experiência, e já faz muitos anos, – trabalhava com grupos e com a análise tradicional – pois estava me formando como psicanalista e recebia no meu consultório pessoas que pediam terapia em grupo e os atendia individualmente para ver

em que grupos os distribuiria. Chamou-me muito a atenção, desde o começo, que essa pessoa que tinha conversado sozinha comigo era outra quando entrava no grupo. Não era a mesma. Não pode ser. O âmbito provoca uma transformação. Então, a partir daí – mas isso já faz muitos anos – comecei a trabalhar com as duas coisas, ou seja, me formar como psicoterapeuta de grupo e em análise individual e tradicional. Pouco a pouco fui me dedicando cada vez mais à família e casal, pensando que era o mesmo, pensando que, quantas vezes as recriminações nos casais... Por exemplo: “Como é que, quando está comigo você está triste, e depois, cinco minutos depois, você vai a uma reunião e você está supercontente e divertido?” Isso se transforma em recriminação. Quando na realidade, não é a mesma situação. Uma situação é quando você está contente e em outra situação algo não acontece e está triste. No começo pensei que as hipóteses que eu tinha da psicanálise me servissem para explicar isso. Então, pensava em dissociação, em projeção, identificações múltiplas, etc. Até que pensei: Não! Essas hipóteses servem para algo, ou seja, para pensar como construo o meu mundo interior, mas não para pensar como me relaciono com o outro, que nunca será objeto, e sim, que sempre vai ser um outro sujeito. Então, comecei a separar o que é objeto da pulsão, digamos, e o que é sujeito como outro sujeito, o que é bastante diferente. Porque, num caso, posso – isso também eu aprendi, desde o começo, com Freud – pensar que quando há uma identificação com o outro, podemos crer que se o outro é quase igual ao que eu conheço ou é semelhante, o diferente é anulado, e me conecto com o que me complementa ou com o que não me incomoda.

**Marta:** É mais fácil.

**Adriana:** Com o que encaixa.

**Janine:** É. E, então, pensava: E o outro que está fora? Eu não sei. Então, pensei: bem, a Psicanálise pensa que o exterior, o que se chama a realidade exterior, é uma metáfora do mundo interior. Mas

não pode ser. O mundo exterior existe apesar de ser uma metáfora do meu mundo interior. Então, comecei a me preocupar muito com o lugar do exterior, daquilo que não é semelhante, nem complementar, mas sim do que é exterior. Aí, o inconveniente foi Freud, num certo momento, porque para Freud, literalmente, a pulsão e os efeitos da pulsão não são evitáveis, porque provêm do interior do corpo, enquanto a realidade exterior é evitável. Quer dizer que se eu não olho, não me produz efeito. Isso foi grave, porque levou a que os psicanalistas e os pacientes se acostumassem a pensar que somente pode ser submetido à análise o seu mundo interior, que é o que pode mudar; o outro, como não pode ser mudado, não é material de análise. Então pensei: bem, se eu estou com o outro, se eu posso mudá-lo, tudo bem, mas se eu não posso mudá-lo, não me preocupo. Então, as análises foram transformadas em lugares onde a realidade exterior não existe. Não existe porque não podemos mudá-la, mas nos influencia e nos impacta. Ela nos impacta e nos molda, muito mais do que nossos pais. Então, de repente, percebi que tinha de deslocar as figuras parentais do centro e fazê-las conviver com aquelas que vêm do mundo exterior, que não sei de onde vêm, mas vêm, e que são aquelas que inculcam os valores atuais e que não passam por papai, mamãe e todas essas coisas, mas, pelo fato de que circulamos pelo mundo, nos acontecem coisas que não dependem da nossa infância. Esse é um pouco o caminho que fui trilhando para dizer: então, tenho de propor algum corpo teórico que inclua o exterior como objeto de análise. Entretanto, o exterior não coincide com o interior. Por exemplo, comecei a prestar atenção a uma quantidade de frases que as pessoas usam e que revelam a dificuldade de levar em conta que o mundo não é como eu o quero, mas é como se impõe, por muitas razões, e que eu tenho de ver o que faço com isso. Mas que não é mudá-lo ou dizer que não existe, mas ver, a todo momento, como posso fazer algo com isso. Daí, se acrescentou uma grande quantidade de problemas que eu não tinha ideia, pois

para mim os grupos ou as famílias eram uma metáfora do mundo interior e, assim, me bastava uma série de hipóteses tais como as identificações projetivas e introjetivas e a questão da identidade que eram conceitos importantes sobre os quais venho fazendo formulações para acrescentar e não para atacar, já que o conceito de identidade, por exemplo, em um vínculo não tem sentido. Não podemos ser idênticos a nós mesmos em um vínculo. Nós vamos...

**Adriana:** Vai se transformando.

**Janine:** Transformando, o tempo todo. Depende disso! Então, quando não toleramos essa transformação, porque é angustiante estar o tempo todo se transformando, acusa-se o outro de não ser como eu quero. Disso vem o enorme capítulo das acusações das famílias e casais, que sempre reclamam de que o outro existe fora de mim e com o seu estilo, e não porque eu queira, mas sim porque existe.

**Denise:** Pela sua presença.

**Janine:** Exatamente.

**Martha:** O outro perturba. O outro cria um desarranjo.

**Janine:** Um desarranjo que acontece nesse momento e que não se repete amanhã.

**Adriana:** Essa seria a diferença primordial.

**Janine:** Primordial.

**Adriana:** Essa é a diferença primordial, porque cada sujeito é diferente um do outro. Por mais que eu imponha, por mais que eu queira, existe essa diferença entre...

**Janine:** Absolutamente! O que é uma riqueza também.

**Adriana:** Sim, que é a riqueza, que é o que pode enriquecer. Mas como ficariam as definições de *ajeno* (alheio) e de diferença radical?

**Janine:** Isso se refere ao “espaço entre dois” ao qual eu o chamo da diferença radical. Às vezes chamo com outro nome. ... (Neste momento houve um lapso na gravação). Sobre o que a Adriana me perguntou, neste momento, ela traz um conceito que

eu uso muito, que é o lugar do *ajeno* (alheio) e da alteridade. Mas gostaria de dar um passo atrás e dizer que tudo isto que estou contando foi criando um novo vocabulário. Porque o vocabulário que temos para o mundo interno não desaparece, mas temos de aceitar que há outro modelo que é heterólogo, ou seja, que (os dois modelos) não se complementam um ao outro. Ao contrário, um se ocupa de certos temas e o outro, de outros. Muitas vezes se tenta ver se são parecidos. Não! São diferentes. Por exemplo, Einstein e Newton falam de coisas diferentes. Não podemos medir um átomo utilizando um centímetro e, também não servem os descobrimentos dos átomos para medir um móvel. As duas coisas servem, mas para coisas diferentes. Então, o vocabulário que fui criando com Isidoro (Berenstein) inclui considerar o efeito de presente, do qual você falou, o efeito da presença, a presença inevitável do outro, que não posso anular. Até tento e digo: “Não, você disse, mas...”. Não, é outro! Não por ser de outro sexo, mas porque é outro. Este seria o efeito de presente e o outro conceito inclui a ideia de que o sujeito, o outro sujeito... melhor dito: para fazer um vínculo, se trata de fazer algo com a *ajenidad* (“alheidade”) e com a alteridade do outro ou dos outros, que eu não posso evitar e que me dá trabalho porque com o semelhante, me entendo; mas com diferente, não. Então, posso dizer: “Não foi isso o que eu disse!” Sim, mas o que o outro disse? Foi como ele me escutou. Essas discussões que ocorrem nos casais e nas famílias que dizem: “Não, você não me entendeu, porque eu disse outra coisa.” Sim, disse outra coisa, mas eu escutei isso. Nas análises acontece isso também, porque se nós trabalhamos assim... O paciente pode dizer: “Não foi o que eu disse”. Não, mas foi o que eu escutei. E não vai ser o que ele disse, vai ser o efeito do que ele disse.

**Adriana:** Foi o que causou em mim.

**Janine:** Em mim! Me levou a pensar isto. Não, não, não. Mas não é assim! Bom, é assim que acontece! Então, temos de

incluir no vocabulário o efeito de presença, que é essa presença inevitável de sujeito a sujeito, a ideia da diferença radical ou esse espaço “entre”, a partir do qual nasce a força para vincular-se e que se tenta anular, em muitos casos, dizendo que não existe; mas existe! Inclusive na Jornada de vocês, quando lhes disse que terão distintos modelos teóricos, é assim, essa é a riqueza. O que não podemos fazer é dizer: Isto é igual a isto! Se é diferente é diferente, e então podemos aproveitar a diferença. Porque eu me encarrego de uma parte do mundo dos casais ou dos grupos, e outros se ocuparão de outra parte.

**Martha:** Janine, dentro da Psicanálise Vincular, você acredita que há várias linhas de trabalho diferentes? Você poderia descrevê-las?

**Janine:** Posso falar brevemente. Há uma quantidade de corpos teóricos que desenvolvem os modelos freudianos, bionianos, winnicottianos, sobretudo os winnicottianos, eles vão melhorando cada vez mais, vão complexificando as hipóteses, e isso lhes permite pensar nos temas de funcionamento das famílias e casais. Dentre eles há René Kaës que desenvolveu maravilhosamente muitíssimos modelos diferentes a partir de *Psicologia das massas* ou dos primeiros textos de Freud, mas que parte do pressuposto de que pode haver, para que se crie um vínculo, acordos e pactos inconscientes, a partir dos quais estes, depois, se desenvolvem. Eles não necessitam daquilo que eu estava falando com vocês, desse efeito “entre” e não necessitam de dois modelos heterólogos superpostos. Um modelo, muito bem trabalhado, ao qual eu tenho apreço, com mais sutileza, menos sutileza, etc. que também funciona, mas isso me diferencia muito deles e do que eu estou propondo. Com alguns tenho discussões amigáveis, e um deles é justamente René Kaës. Somos amigos. Ele sempre diz que dizemos a mesma coisa e eu lhe digo que não. Não dizemos o mesmo, mas não importa. Então, a linha divisória é essa. E por que não a sigo sustentando? Porque penso que há uma tendência em psicanálise de se pensar que o que ocorre hoje está

relacionado com o nosso passado, com nossas origens. Eu não digo que não há relação com o passado, mas digo que esse outro modelo que eu proponho, esse outro corpo de hipóteses não tem relação com nosso passado, mas sim com um presente permanente que nos impõe aquilo que não conhecemos.

**Martha:** Seria como a psicanálise que foca no indivíduo e a psicanálise que foca no vínculo? Seria essa a diferença teórica?

**Janine:** Isso é o que dizem os vinculares, os que falam de vínculos. O que acontece é que, para eles, há uma parte que lhes basta com desenvolvimentos muito sutis das teorias existentes em psicanálise. E com isso não há problema.

**Adriana:** E continuam chamando-se (a si mesmos) Psicanálise Vincular?

**Janine:** O conceito de vínculo... Posso lhes contar que há um estudioso americano, que agora não me recordo do nome, que estudou o lugar do vínculo, dos vínculos na psicanálise e na América Latina e disse que é preciso aceitar que não há uma tradução para o inglês da palavra vínculo, porque é um termo próprio da região do rio da Prata. Então, é melhor, inclusive em inglês, usar o termo vínculo. Porque é certo que Bion trabalhou com os vínculos, mas dentro da psicanálise clássica, para olhar o mundo interno. Então, tudo o que é apenas o mundo interno, podendo evitar a realidade do outro, a *ajenidad* (“alheidade”) do outro, a *ajenidad* da vida, não acarreta problemas.

**Adriana:** Seguem com a mesma teoria ampliada, mas funcionando.

**Janine:** Sim, bem ampliada e bem usada. Existem muitas pessoas que trabalham assim, e está tudo bem, não há problemas. Mas, para mim, não me serve mais hoje, desde que fiz uma ruptura com esse modelo e disse: “Não! Acontecem outras coisas!”. Muito disso está relacionado com meu interesse pelo social, com meu interesse pela política, por exemplo, não é uma metáfora de meu

mundo interno, que é algo que me expõe todo o tempo a múltiplas influências e a viver em conflito, porque a política é conflito. Entretanto, a convivência é conflito também. Estabelecer uma convivência com certa firmeza...

**Adriana:** Retomando o conceito de *ajeno* (alheio): isso que vem de fora e me afeta, e que não vem do reflexo do meu mundo interno, é um *ajeno* (alheio)?

**Janine:** É um *ajeno* (alheio), mas todo o tempo estamos com o *ajeno* (alheio).

**Adriana:** Porque, às vezes, há uma confusão entre o *ajeno* (alheio) e o estranho.

**Janine:** Estranho?

**Adriana:** O estranho de Freud.

**Janine:** Sim.

**Adriana:** Não são iguais. Não podem ser traduzidos como sinônimos.

**Janine:** Não são iguais... Mais ou menos. Porque, para Freud, aquilo que ele chamou de “Complexo de Semelhante”... Ele descreve, em 1895, no *Projeto para uma psicologia científica*, aquilo que acontece com o bebê que recebe a primeira amamentação e que pode vir a rejeitar uma segunda amamentação, caso não a considere igual à primeira. Então, de acordo com ele, o bebê faz uma operação mental segundo a qual busca semelhanças parciais entre o novo peito que se apresenta com aquele que se experimentou. Assim, aquilo que é o *ajeno* (alheio), que é estranho, se descarta. Por isso, encontrar semelhanças inicia uma atividade simbólica importante, perante a qual se logra que dois objetos diferentes possam se conectar porque se encontram as semelhanças. Fantástico! Isso está ótimo. O que eu digo é que isso não me serve para pensar aquele aspecto dos vínculos, que é puro *ajeno* (alheio), que não é uma questão de buscar as semelhanças, mas sim acolher o *ajeno* (alheio); o estranho, nesse sentido.

**Adriana:** Mas não é o *unheimliche* enquanto retorno do reprimido.

**Janine:** Não, não, não.

**Adriana:** Não tem nada a ver com esse conceito. Por isso digo que é estranho no sentido da estranheza, mas não no sentido do conceito de estranho de Freud.

**Janine:** Não, de modo algum. Meu trabalho diário na vida e na convivência é que, em todo momento, o outro, por mais que seja meu marido ou minha mulher, etc., é um *ajeno* (alheio). Então, há muitas reclamações... “Mas como? Se ontem você pensava outra coisa?” Sim. Agora é outra coisa. Por isso é difícil de lidar com isso.

**Martha:** O analista vincular busca no trabalho clínico interpretar o vínculo? O que liga as pessoas? É isso o que você observa?

**Janine:** Eu diria que interpretar o vínculo, quer dizer, é interpretar aquilo que dificulta que a relação “entre” dois ou mais seja rica.

**Martha:** Certo, interpretar aquilo que dificulta, mas é do vínculo e não da pessoa?

**Janine:** Não, não é pessoal. Mas, por exemplo, se escuto que dizem frases, um ao outro, do tipo “Isto é igual a...”; um conta ao outro “Sabe, me dói a cabeça.” e o outro responde “Eu também tive”; ou “Ah, sim, eu conheço alguém que também está com dor de cabeça”, então ele não me escutou. Porque quando digo que me dói a cabeça é algo novo. Minha dor de cabeça é igual à do outro? Não, é outra! Ou seja, evidencio todas as frases que são muitas e que anulam a *ajenidad* (“alheidade”) do outro e a novidade, na vida dos casais e das famílias. Ou as frases que tomam a evolução dos sujeitos ao longo do tempo como algo dado pelos pais. Então, diriam: “Isso que fiz é porque meu pai e minha mãe ou meu avô dizia que...”.

**Adriana:** O que seria uma forma, também, de se eximir...

**Denise:** A culpa é do meu pai, da minha mãe...

**Janine:** Exato, a culpa com certeza é deles mesmos e é irrevogável. Não há o que se fazer, está feito! Como se fossem marcas identitárias que eu tento diluir, porque a identidade é algo que nos mantém seguros, ao longo da vida. Do meu ponto de vista, me mantém débil, porque esse tipo de segurança aprisiona e me coloca inerte frente ao que são as vicissitudes da vida diária. Em resumo, o fundamental do que digo é aceitar que nos constituímos como objeto de nossas pulsões e de nossas relações. E nos constituímos separadamente como sujeito de nossos vínculos. Num caso se fala de certezas e no outro de incertezas. Num caso falamos de ir fortalecendo o Eu, no outro caso falamos sobre a fragilidade dos vínculos. Porque são frágeis, todos sabemos disso. Porque conviver é conflitivo. É por isso que num caso se diz: temos de estabelecer uma relação de amizade com os conflitos da convivência. Em outro caso, diz-se: temos de resolvê-los. Porque existe a ideia de que é preciso resolvê-los. Vamos resolver o quê?

**Adriana:** Como se fosse possível equacionar as diferenças e assim se resolveriam os conflitos.

**Janine:** Claro, podemos equacioná-las ou porque pensamos que nos complementam ou nos suplementam. Justamente era o que nos faltava...

**Denise:** É uma busca de uma continuidade.

**Janine:** Sim, de uma continuidade e de um fortalecer minhas ideias. Se o outro me acrescenta algo, que ótimo! Justamente é o que necessito. Isso às vezes ocorre, não é que não ocorra.

**Roseli:** Janine, como você vê que a psicanálise tradicional, a individual lá da IPA<sup>2</sup>, vem se relacionando, aceitando, compreendendo essas suas novas ideias? Porque notamos que vocês aqui, por exemplo em Buenos Aires, têm essa formação. Em outras sociedades não existe essa formação dentro do instituto. Por isso, me

---

<sup>2</sup> International Psychoanalytical Association.

surgiu essa curiosidade, entender o quanto de espaço vem ganhando essa abordagem vincular dentro da psicanálise tradicional.

**Janine:** A Argentina é um pouco especial, porque tem uma capacidade de absorver o novo que não se vê em outros países. No Brasil, eu fui, porém não tanto. Na França é muito custoso, falei várias vezes lá, mas não há uma aceitação.

**Roseli:** Não há eco.

**Janine:** Não há eco. Dizem: “Isso não é psicanálise, isso não serve!” Mas, cada vez mais eles trabalham com família e casal e há congressos nas sociedades psicanalíticas de família e casal, não usando esse aporte teórico que estou propondo, sobre a *ajenidad* (“alheidade”) e tudo isso, mas eles começam a pensar que se poderia chamar de psicanálise. Alguns países aceitam, outros não. Incomoda. Porque é incômodo, é difícil. Aqui é um pouco especial, porque já faz anos que estamos trabalhando com isto e, com Isidoro, tivemos, a princípio, muita dificuldade para que nos escutassem.

**Denise:** O início, aqui na Argentina, se deu com você e Berenstein?

**Janine:** Sim, nós dois. (Paula, que estava aqui, é uma de suas filhas). Eles nos toleravam. Deixa, tudo bem... são essas coisas deles... Porém, pouco a pouco, criou-se um departamento de família e casal em uma instituição universitária onde tinha mestrado em família e casal, com psicanalistas, professores, isto sim, com diferentes linhas de trabalho. E cada vez mais na IPA tem um departamento de família e casal, ou seja, pouco a pouco conseguimos entrar. O mesmo se passou, por exemplo, com a violência social, há muitos anos. Quando apresentávamos trabalhos em congressos, nos colocavam fora do horário. O congresso terminava às 18h e às 18:30h tínhamos a mesa! Mas aos poucos esse tema foi entrando nos programas, e hoje todos falam nisso, à sua maneira, mas falam de violência social. Essas ideias demoram muito, e é melhor que demorem, pois se entram muito rápido são assimiladas como se não

fossem ideias diferentes. Quando vocês me perguntam se é igual a, digo que não é igual, que é outra coisa, que não é o mesmo.

**Denise:** Mas é psicanálise.

**Janine:** Sim, é psicanálise porque produzimos hipóteses que têm suas evidências, não usamos o conceito de inconsciente da mesma forma, mas se usa. Usamos conceitos que entram num marco psicanalítico, porém eu diria que há mais ajuda desde filósofos, que desde psicanalistas.

**Adriana:** Porque Agamben, Espósito, Deleuze... todos já falavam disso. Usam para reforçar e comprovar...

**Janine:** Exato.

**Denise:** Quais seriam os filósofos?

**Janine:** Agamben, Derrida, Deleuze, Badiou, Espósito que é um filósofo italiano. São muitos.

Blanchot...

**Denise:** Com quem você tem contato hoje e que começou contigo a Psicanálise Vincular?

**Janine:** Isidoro Berenstein.

**Denise:** Só Berenstein?

**Janine:** A princípio sim. Eu fui a criadora da Associação Argentina de Psicologia e Psicoterapia de Grupo (AAPPG), antes de ocupar-me de grupos, mas muito tradicional. Para mim funcionava bem, era uma novidade, até que, pouco a pouco, fui me dando conta de que precisava de outra coisa, outras hipóteses, e assim fui me separando do meu grupo inicial. Justamente neste momento, Isidoro Berenstein estava também trabalhando com famílias e casais, num modelo estrutural muito forte (Estrutura Familiar Inconsciente – EFI). E pouco a pouco decidimos nos reunir e durante 20 anos, uma vez por semana, nos encontrávamos e escrevíamos muita coisa juntos e também separados. Éramos muito diferentes. Além disso, criamos no Uruguai o Departamento de Família e Casal. Em Porto Alegre, também se formou um departamento, não me lembro bem a data,

e no Chile também. Depois, cada um conduziu seu departamento como entendeu correto. Eram todas sociedades psicanalíticas, mas com esses departamentos parecendo estar um pouco fora. E é melhor que fiquem fora, pois é um fora que não incomoda, que não me faz sentir mal, porém prefiro me diferenciar a que me incorporem como: “Tanto faz, é igual”. Disso eu não gosto. No congresso vocês vão ter isso, existem várias linhas.

**Adriana:** Na nossa jornada...

**Janine:** Sim, na jornada.

**Adriana:** Com Berenstein, vocês formaram um vínculo para falar de vínculo.

**Janine:** Sim. E aproveitando-nos do fato de sermos muito diferentes.

**Marta:** Em que vocês eram tão diferentes?

**Janine:** Primeiro pela personalidade, Isidoro era talmúdico, estudioso, rigoroso.

**Denise:** E você não é estudiosa? (rindo)

**Janine:** Menos que ele. Eu estudo, mas ele estudava mais. Em uma época, num congresso em Montevidéu que foi com Isidoro e eu, as pessoas falavam dos nossos trabalhos e, em uma última reunião, nos perguntaram a respeito do que fazíamos juntos. E esse foi um momento difícil. Por que havíamos nos encontrado? Para que havia servido? O que nós havíamos acrescentado um ao outro depois de tantos anos? Também perguntaram à mulher de Isidoro se nossa relação a incomodava e ela disse que não, que não tinha nada a ver, que era outra coisa. Então nos perguntaram em que nos havia ajudado trabalharmos juntos? E Isidoro disse que eu o havia feito entrar em contato com o social, que era um tema muito meu e não um tema dele, mas que ele o foi absorvendo. E eu disse que a sua obsessividade, sua prolixidade e seu rigor para pensar os temas tinham-me ajudado muito. Trocamos coisas que o outro não tinha, também durante as discussões. Então, se me perguntam se há muitas

linhas, digo que sim.

**Adriana:** Até na base. Um pensa de uma forma, outro de outra...

**Janine:** Sim, na nossa base, mas com afinidade. Ou seja, nos interessava... Porque tudo isso parte da ideia de: O que, por exemplo atualmente, nos interessa pensar a nível dos conflitos? Quais são os conflitos atuais?

**Denise:** E o que você observa? Quais são os conflitos atuais?

**Janine:** Que não são os mesmos de 1900. Então, quais são os conflitos atuais e o que podemos fazer com esses conflitos para ajudar? Porque o que nos interessa é a saúde mental. Então, o que nos interessa? Bom, é preciso ver se temos as ferramentas para fazer algo com aquilo que nos interessa. Então, fomos criando uma série de conceitos, um vocabulário que tem relação com novas ferramentas.

Para fazer uma breve síntese: primeiro, por exemplo, foi dar-nos conta de que a transferência/contratransferência não eram suficientes para pensar o que estava se passando em uma sessão, porque a transferência/contratransferência anulam sempre algo da exterioridade do outro. É como se o passado se apresentasse no presente. Então aí criamos um novo conceito que é a interferência. O que é a interferência? O outro sempre interfere. Não posso transferir a minha vida, mas sim interferir. Também criamos outro conceito acerca da tarefa do analista. Diz-se que o analista interpreta, gera outro sentido; mas faz algo mais, intervém: como sujeito, interpreta como objeto da transferência. Intervém como sujeito, que é quando, por exemplo, o paciente pode dizer: “Eu não disse isso”. Você pode não ter dito, mas eu o digo, pois foi o que suscitou em mim. Ou seja, é uma série de conceitos que fomos incorporando para dar conta desses dois grandes corpos teóricos.

**Marta:** Sim, está em todos os artigos que você nos enviou.

**Janine:** Talvez agora com o que estou contando fica mais claro?

**Marta:** Sim, fica mais claro.

**Denise:** Quando você fala da lógica do Um e da lógica do Dois, existe algo depois da lógica do Dois?

**Janine:** Não, o Dois não é numérico, é uma entidade de dois ou mais sujeitos, podem ser múltiplos, podem ser dois. Não é que um mais um nos leva ao Édipo. O Um é um mais um que leva ao três, o três é o Édipo, triângulo. O Um é identitário, o sujeito com o seu mundo interno. Já o Dois é tudo isso que lhes venho contando um pouco.

**Marta:** Dois é vínculo?

**Janine:** Sim, Dois é um vínculo.

**Denise:** De dois sujeitos diferentes.

**Janine:** Isso é o Dois. Mas também pode ser entre todas nós que estamos nesta sala. Aqui existe um Dois. E não sei o que vão fazer com isso que estamos conversando.

**Marta:** Várias alteridades?

**Janine:** Em função disso, você me pergunta alguma coisa, eu respondo, mas não sei o que vão fazer com isso. Façam outra coisa: “sim fomos lá e sobre algo conversamos”; “sim, mas o que fizeram, não sei”. Nem importa. Me importa que façam algo, não importa o que façam.

**Adriana:** “Faça” no sentido do que fica em mim, do que eu digiro ou do como eu transformo dentro de mim?

**Janine:** Pode ser isso ou como lhe servirá para a sua clínica ou para a sua vida diária.

**Marta:** Então, o encontro de Dois sempre será transformador?

**Janine:** Absolutamente!

**Marta:** Essa é a questão?

**Denise:** Ou deveria ser...

**Janine:** É, ainda que seja “resistencialmente”, ainda que seja tratando de anulá-lo, algum efeito produzirá.

**Marta:** E quando duas pessoas se relacionam e ficam

aderidas, como algo único?

**Janine:** Nunca podem ser como uma só pessoa.

**Marta:** Não?

**Janine:** Não. Podem tentar evitar o “entre”.

**Marta:** Evitar? Mas não existem casais que formam uma aderência?

**Denise:** Algo como a “metade da laranja”?

**Janine:** Sim, mas são os casais que pouco a pouco se reduzem.

**Marta:** Se reduzem?

**Janine:** Se reduzem a ter de ser o semelhante ou complementar.

**Adriana:** Esse é o Um?

**Janine:** Sim, mas o Dois também. Podem fazer um trabalho de reduzir-se a um Um. Isto é, tudo aquilo que me incomoda, deixo fora. Então, nessas famílias, por exemplo, acabam por se ocupar de cuidar somente das crianças, dos filhos.

**Marta:** (Referindo-se ao caso supervisionado por Janine Puget naquela manhã e do qual participamos) Como hoje de manhã. A mãe e o menino, eles formavam Um?

**Janine:** Sim, essas famílias se empobrecem de tudo o que seria a vida de casal, a vida distinta, e acabam se ocupando apenas dos filhos, preocupando-se com determinações como “quem vai levar quem ao colégio?” Ou seja, de coisas práticas. E pouco a pouco se afogam nisso e perdem sua essência, o que são, isto é, a vida amorosa, a vida criativa enfim, e sobrecarregam os filhos com esse peso.

**Marta:** Não formam o Dois?

**Janine:** Formam o Dois, ainda que não queiram, mas fazem um trabalho para anular a produção do “entre”. Falam frases como: “isso é o mesmo que”, “eu penso igual”...

**Roseli:** São dois, mas dentro da mente dessas pessoas é como se fossem um, isto é, do ponto de vista interno é uma ilusão.

**Janine:** Isso, mas não conseguem. Fazem sintomas e todo

o trabalho que realizam é para anular a *ajenidad* (“alheidade”) do outro.

**Roseli:** São Dois sempre.

**Janine:** Não há como evitar.

**Marta:** Por exemplo, hoje pela manhã, nós vimos (na supervisão) uma mãe e um filho, e havia um problema na comunicação do *wi-fi* que impossibilitava a voz do menino. A mãe falava por ele. Esse menino não consegue se desenvolver.

**Janine:** Esse menino e essa mãe, por mais que façam algo para evitar serem diferentes... Ele, todo o tempo estava dizendo: “Eu sou diferente”. Mas a mãe dizia que não, não tão diferente. Isso é sim um trabalho para evitar a dor e o sofrimento, do que teria que ser vitalidade.

**Marta:** Janine, como você vê o futuro da psicanálise de casal e família? Qual é o caminho?

**Janine:** Eu penso que se abriram muitas portas, se propagou muito. Porque há muito mais pessoas que estão trabalhando com casal e família do que antes. Muitas instituições psicanalíticas estão aceitando esta abordagem, e isto tem sua importância. Depois, como cada um seguirá sua linha teórica, isso já é outro assunto. Mas, principalmente, vejo que as famílias estão em crise. Mas que família? A família tradicional ou, como um dia desses me comentavam, uma família de três mulheres? Mas nem sempre serão de mulheres, poderá ser de homens. É uma família? Sim, funcionam como uma família. Então, como se define? Estamos em plena crise da família e das famílias *ensabladas*. Ou seja, que não necessariamente a função parental é ocupada por um homem ou por uma mulher. Há funções parentais que são inegáveis. Por exemplo, às vezes, o segundo marido desempenha melhor a função parental que o primeiro. Então, o que fazer? Ou, se os casais homossexuais funcionam bem, os filhos não serão necessariamente homossexuais. Todas essas formas de sexualidades chegam ao consultório. O que fazer com elas? Temos

de inventar outras coisas.

**Adriana:** Fiquei pensando sobre a pós-modernidade e como se diz que atualmente o “vínculo” se transformou majoritariamente em um “não vínculo”, ou seja, o uso do outro como objeto e não como sujeito. Por exemplo, outro dia vi um vídeo de um bebê de frente a um *tablet* “vendo” vídeos de desenhos sem parar. A criança mal piscava e parecia que estava lá, por horas, sozinha. Não havia um adulto contando a história. Como ela se vincula com o outro se não existe um outro?

**Janine:** Existe o outro, mas não é o tradicional, porque hoje em dia as crianças utilizam a internet entre si e não necessitam desse efeito de presença. Tem o efeito de presença, mas por outros canais. Se comunicam, necessitam de um outro. Ficam vendo o mesmo desenho, a mesma coisa. Ao mesmo tempo, são capazes, com o *tablet*, de ler e escutar música. Um adulto não consegue, as crianças sim. Então, temos de aprender com eles, como fazem para...

**Adriana:** Realizar múltiplas tarefas...

**Marta:** Você pensa que a Psicanálise Vincular de casal e família está influenciando a psicanálise individual?

**Janine:** Eu acredito que sim.

**Denise:** Há uma melhora, digamos, no trabalho, quando se estuda casal e família? Na clínica individual há uma ampliação do pensamento?

**Janine:** Absolutamente que sim. Eu penso que hoje quando um paciente individual, singular, nos conta algo sobre uma recriminação da esposa, do marido, nós o escutamos de forma diferente, mas não está lá o outro. Então, pode-se dizer que há uma diferença entre esse sujeito que está falando com você e que não sabemos como se comporta quando está fora do consultório. Seguramente há uma diferença.

**Marta:** De que maneira você acredita que, na clínica, isso pode influenciar na pessoa do analista que atende o paciente

individual?

**Janine:** Não entendi bem.

**Marta:** A psicanálise, toda essa teorização, todo esse estudo, influenciará os psicanalistas, e muitos psicanalistas não trabalham com família, mas sim trabalham com indivíduos. Nós acreditamos que isso está influenciando também o trabalho desses analistas individuais. Pergunto-lhe de que maneira esse trabalho pode influenciar o trabalho do psicanalista individual? Porque eu sinto que desde que eu comecei a estudar família e casal, o meu olhar para o paciente é diferente, inclusive com o estudo da transgeracionalidade e de outros conceitos.

**Janine:** Seguramente se abrem novas visões. Os analistas de crianças, por exemplo, que veem famílias... toda essa questão das famílias, independente do modelo teórico que usem, têm influenciado como se entende essa família... se a criança é um sintoma do mal-estar familiar ou não, como vimos hoje com aquele material clínico. Pode se ter outra visão, não todo o mundo, mas aos poucos vai se transformando. Isso é bom.

A equipe agradece a entrevistada pela calorosa recepção e expressa toda a emoção de ter estado com ela. Ela responde com uma profunda doçura: “Eu é que tenho que agradecer por vocês terem vindo a Buenos Aires só para estar comigo”.

### *In memoriam*

Em 5 de novembro de 2020, enquanto a presente edição era finalizada, faleceu nossa querida colega Janine Puget, deixando à *Berggasse 19* este presente de entrevista, que se transformou numa homenagem póstuma, fazendo cumprir sua vontade expressa em suas palavras nos e-mails trocados há quase um ano:

*Muchísimas gracias Denise y me pone muy contenta que les*

*haya gustado mi presentación.. Claro que los autorizo a hacer lo que quieren con el material que tienen. Para mí es un gusto que mis ideas circulen y uds sono [sic] muy buenos y estimulantes.*

*Un abrazo Janine*

Aqui nossa gratidão e homenagem à Janine, fazendo suas ideias circularem, como ela mesma nos recomendou.